

FAZER FAZENDO

Uma Etnografia da Pesquisa Documental

Ana Paula Fagundes **CAMPOS ****
Clarice Nascimento **MELO ****
Maria do Socorro Pacó de
MATOS **

RESUMO: Através desse artigo, trazemos a público os acertos, desacertos, deslumbres e frustrações que sofre uma pesquisadora iniciante. Discutimos as deficiências da graduação na área de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, a falta de apoio à pesquisa e o relacionamento entre os participantes do grupo de pesquisa do projeto "GREVES OPERÁRIAS NO PARÁ - período de 1945/1964. Um estudo sobre a participação de mulheres operárias". A importância de "Fazer-fazendo" está na demonstração do superar de obstáculos com que nos defrontamos. Por fim, formularemos algumas propostas que objetivam contribuir para u'a melhor formação do(a) pesquisador(a).

PALAVRAS-CHAVE: Iniciação à pesquisa - Ensino/Pesquisa - Deficiências na graduação.

TO DO DOING

An ethnography of the documental research

ABSTRACT: We now bring to the general knowledge the problems and surprises faced in a first experience as a researcher. The inadequacy of an undergraduate course in the Human Sciences Area at the Federal University of Pará is also a point of our discussion. We analyse as well the lack of support to research work and the relationship among the researchers working in the project named "GREVES OPERÁRIAS NO PARÁ - período de 1945/1964. Um estudo sobre a participação das mulheres operárias". This article demonstrates the importance and necessity of crossing bareers and achieving our goals. We also propose some ways to contribute for a better education of researchers.

KEY WORDS: Research work - Training on research - Inadequacy in undergraduate courses.

* Documento apresentado e discutido durante o VIII Seminário Estudantil de Pesquisa realizado em Salvador-Bahia, em dezembro de 1988.

** Discentes da Universidade Federal do Pará engajadas no Programa de Iniciação à Pesquisa orientadas por Jane Felipe Beltrão e Maria Ângela Gemaque Álvaro.

Neste artigo fazemos um relato sobre as dificuldades encontradas por um iniciante em pesquisa, tomando como base nossa experiência junto ao projeto "Greves Operárias no Pará - período de 1945 a 1964. Um estudo sobre a participação de mulheres operárias". Procuramos registrar, de forma detalhada, momentos e sentimentos que vivenciamos desde que a pesquisa documental passou a fazer parte de nossa jornada acadêmica.

Nossa exposição se divide em dois momentos: no primeiro deles, caracterizamos a nossa formação acadêmica regular. Isso porque não poderíamos falar de nossa experiência no referido projeto sem levarmos em consideração o contexto no qual estamos sendo formadas. Indicamos a influência direta do ensino deficitário da Universidade nas dificuldades encontradas por nós ao trilharmos os caminhos da pesquisa documental.

No segundo momento, tratamos dos percalços e descobertas que se fizeram presentes na nossa experiência como pesquisadoras iniciantes. Relatamos como nos vimos numa situação difícil, sem saber o que fazer ou por onde começar, ao nos depararmos com um trabalho de pesquisa, dado o nosso despreparo acadêmico para o exercício profissional, enquanto pesquisadoras. Descrevemos como nos sentimos diante da situação de travar relações com algo desconhecido e misterioso, como eram, para nós, as fontes primárias, e o nosso medo de quebrar o "vaso de porcelana" somente ao tocá-lo. A falta de exercício em pesquisa dificultou, sensivelmente, o nosso trabalho inicial, e a única via que tivemos para obter o aprendizado teórico e prático necessário à realização das nossas atividades foi fazendo as mesmas.

Como e porque iríamos "fazer fazendo"? A res-

posta se deu no andamento do trabalho. "Fazer fazendo" era sair de dentro do "baú de dúvidas" em que nos encontrávamos, por não termos tido um preparo para o exercício da pesquisa durante o curso de graduação. Era começar, no dia a dia, a fazer com que as dificuldades se acabassem, que pudéssemos transformá-las numa etapa vencida. O desenvolvimento das atividades, o relacionamento entre nós estagiárias, o "engatinhar" no material, tudo isso faz parte desse nosso relato sobre o que significou para nós aprender a fazer pesquisa.

1 O ÔNUS DA (DE)FORMAÇÃO

Nós, estudantes universitárias, ao olharmos ao nosso redor nos deparamos com uma situação inquietante. De um lado vemos uma cobrança significativa em relação à capacidade profissional dos egressos da universidade o, de outro, percebemos o despreparo para o trabalho desses mesmos profissionais. A partir da nossa experiência enquanto estudantes da área de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará - UFPa, procuramos evidenciar alguns problemas relativos a essa instituição de ensino, que criam obstáculos a que possamos participar da vida profissional acadêmica de maneira competente.

Embora os fins perseguidos hoje pelas Universidades brasileiras sejam ensino, pesquisa e extensão, nossa experiência nos indica que eles não são sempre alcançados, resultando em deficiências graves na formação dos estudantes universitários. Uma dessas deficiências é a separação existente entre ensino e pesquisa. Para um profissional da área de ciências humanas coloca-se como um pré-requisito de

capacitação saber fazer pesquisa, seja documental ou empírica. Ao observarmos os caminhos trilhados por nós e por nossos colegas, vemos que a universidade na qual estamos sendo formados não nos exercita em atividades dessa ordem, seja nas salas de aula, seja fora delas.

Ao questionarmos as causas dessa dicotomia nos deparamos primeiramente, e num âmbito mais geral, com a falta de fomento da pesquisa científica por parte dos órgãos pertinentes. Exemplo disso é a falta de financiamento para os projetos, as poucas bolsas de pesquisa ofertadas pela Universidade e a baixa remuneração dos bolsistas que percebem uma quantia irrisória, às vezes apenas literalmente simbólica, e que muitas vezes só chega às suas mãos depois de um longo atraso.

A "bola de neve" aumenta quando nos voltamos para as dificuldades existentes no âmbito específico da Universidade. Aí vemos que a estruturação dos cursos, as disciplinas curriculares e os conteúdos programáticos não encaminham de fato os alunos para a iniciação da "arte de fazer pesquisa". Na UFPa os cursos de graduação se desenvolvem em dois ciclos: o básico e o profissional. Um estudante de Ciências Sociais, por exemplo, ao entrar na Universidade cursará primeiramente determinadas disciplinas correspondentes ao ciclo básico que, à exceção de uma específica do curso, são comuns a todas as demais graduações da área de Ciências Humanas, Sócio-econômicas, Educação e Letras. Esse ciclo, portanto, ao agregar alunos de tão ampla gama de cursos, apresenta uma abrangência de conhecimentos inadequada aos cursos em suas especificidades.

Apenas uma disciplina desse ciclo tem, em princípio, o objetivo de preparar o aluno para o desenvolvimento do trabalho científico: Introdução

à Metodologia. Mas, dada a sua tentativa da abrangência, pouco tem a ensinar aos estudantes em termos das condutas de pesquisa próprias a um historiador, ou a um sociólogo, ou a um economista etc... Por outro lado, a qualidade do ensino do básico também fica comprometida pela falta de profissionais capacitados e pela superlotação das salas de aula.

Com isto, saímos do básico e entramos no ciclo profissional com a expectativa de que as lacunas que ficaram num primeiro momento devem ser preenchidas neste segundo. Já no profissional, o aluno passa a cursar disciplinas específicas do seu curso, com algumas delas sendo oferecidas a mais de um curso. Mas, aí também ele não conseguirá dar passos significativos no rumo da pesquisa. As disciplinas de metodologia em pesquisa são defasadas, não treinando o aluno numa prática coerente, voltada para o seu desenvolvimento profissional. Não mostram, em suma, a real situação a ser enfrentada pelo pesquisador em seu cotidiano de trabalho. Um estudante de graduação em História não passa, durante todo o seu curso, ao menos perto de um arquivo público. E quando passa, leva dias para realizar uma tarefa que, bem orientada, poderia ser feita talvez em horas e com melhores resultados. O direcionamento para as fontes históricas, o trabalho com as mesmas e a análise do material encontrado são atividades que ficam sempre em segundo plano sendo vistas de forma rasteira e descompromissada.

O casamento entre pesquisa e ensino torna-se, portanto, muito difícil. A última tentativa de entrelaçamento se faz no final do curso, quando temos que apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, para podermos receber o diploma. Embora alguns cursos façam a exigência de que o aluno realize uma

pesquisa, não tendo os mesmos fornecido as bases para que o estudante desenvolva essa atividade, os resultados são praticamente nulos. Ou seja, nem aí o ensino e a pesquisa se casam. O que acontece é que muitas vezes a orientação é falha, o professor-orientador faz vista grossa aos resultados apresentados pelos alunos e estes se formam sem saber o que é pesquisar.

Ao percebermos que não aprenderemos a executar tal atividade a partir das disciplinas curriculares, só nos resta tentar nos engajarmos em algum projeto de pesquisa coordenado por professores da própria Universidade. É o caminho que tentamos para suprir as falhas do currículo. Mas aí nos deparamos com outras deficiências do corpo docente. Por um lado sabemos que há professores que enfrentam uma sobrecarga de trabalho e, também, falta de condições para desenvolver pesquisas e orientação de alunos. Mas, por outro lado, há falhas grandes na formação de muitos deles, há desinteresse e, também, muitos possuem uma mentalidade que está bastante distante daquela que um educador deve ter. São poucos os professores que desenvolvem um trabalho de pesquisa e, portanto, são poucas as oportunidades que os alunos têm de se engajar em projetos dessa ordem.

Nós pertencemos ao grupo dos que conseguiram se engajar num projeto de pesquisa. O nosso trabalho dentro do projeto é, neste momento, voltado à coleta de dados em documentos e coube a nós etnografar a participação de mulheres em greves operárias nos jornais do período compreendido entre 1945-1964. Concluída a pesquisa documental estamos nos preparando para realizar as entrevistas-em-profundidade, prevista no projeto. É essa experiência que relatamos a seguir.

Para nós isso significou nos defrontarmos com nosso despreparo, e acreditamos que qualquer estudante da Universidade que frequentamos não se sentiria de forma muito diferente. O que acontece a seguir depende de várias circunstâncias. Principalmente de um esforço, que não deve ser apenas individual, mas basicamente representar uma caminhada conjunta de todos os membros de um projeto de pesquisa. Significa ajuda mútua das estagiárias para resolver problemas comuns e participação efetiva da coordenadora da pesquisa no crescimento dessas, incentivando-as e orientando-as diante dos obstáculos que surgem.

2 FAZER OU NÃO FAZER ? EIS A QUESTÃO

Como enfatizamos linhas atrás não possuíamos experiência no trabalho a ser apresentado, por isso tivemos que ser orientadas pela coordenadora do projeto. Esta nos falou sobre os caminhos a seguir e o que perseguir.

Na primeira etapa do trabalho não houve muitas dificuldades, pois nós faríamos quadros sinópticos sobre o material já coletado por outras estagiárias que nos antecederam, correspondentes aos anos de 1945 a 1960. Mas quando tivemos que fazer nós mesmas a pesquisa documental, tivemos que passar por um processo de orientação mais acurado.

Em nossas reuniões recebemos textos relatando situações próximas a que estávamos vivenciando para que pudéssemos nos dar conta das dificuldades. Podemos dizer que éramos "crianças no mundo", ou seja, no caso da pesquisa necessitávamos engatinhar para depois nos erguer, ficar de pé, como nos ensi-

na SEEGER (1980) ao relatar sua experiência de campo entre os índios Suyá.

Com esta orientação e mais algumas informações sobre como proceder quando do manuseio das fontes, partimos para os jornais com a certeza de que tudo o que queríamos, iríamos encontrar: era só abrir os jornais e as informações apareceriam de imediato. Corremos às fontes com a expectativa de realizar da melhor maneira possível as "mágicas" que a "feiticeira" havia nos ensinado.

Ao chegarmos à Biblioteca Pública "Arthur Viana" nos deparamos com um material que no primeiro contato parecia com algo infinito, interminável. Perguntamo-nos: seremos capazes de ler todos esses papéis? Seria no manuseio dos jornais, no contato direto com as fontes, que descobriríamos que não seria necessário ler todas as notícias existentes nos mesmos; nossa sensibilidade iria nos guiar.

Além da sensibilidade em contactar com a fonte, percebemos que a nossa força de vontade também nos ajudaria quando vimos que as traças e a poeira seriam nossas companheiras, o que de vez em quando nos incomodava. Mas, o que incomodava mais era perceber que muitos documentos se extraviaram, outros foram danificados pela má conservação dos mesmos, o que dificultava o êxito de nosso trabalho. Acrescente-se a isso a iluminação da Biblioteca Pública, que sendo pouca nos obrigava a forçar a vista e curvar demais a coluna vertebral, ocasionando um desconforto físico.

Com tudo isto, chegamos às fontes e começamos a manusear os jornais de forma mais ou menos desordenada, buscando encontrar nos lugares menos apropriados as informações desejadas. Greves e participação feminina: onde estão vocês? Na última página do jornal? Talvez, mas isto não é regra; as infor-

mações não se encontram de forma homogênea em cada página, os jornais não possuem aquela organização esperada.

O fato de não encontrarmos os movimentos grevistas nos jornais nos fazia sentir culpadas, como se fosse por nossa responsabilidade não ter ocorrido em alguns momentos, as greves procuradas. E só iríamos nos tranquilizar quando nos deparávamos com dados que evidenciavam situações políticas e econômicas difíceis, quando então, podíamos ver a participação dos trabalhadores relatadas nos jornais. A quase ausência de referência aos movimentos grevistas - o que pensávamos encontrar com relativa facilidade - nos angustiava, as nossas dificuldades pareciam crescer quando pensávamos em detectar a presença de mulheres nos eventos grevistas, onde ela aparentemente não existia, os jornais não demonstravam explicitamente esta participação. Então, como deveríamos agir? No primeiro momento não sabíamos.

Tentamos relacionar o aprendizado que tivemos nas aulas de Metodologia em Pesquisa com a nossa prática, mas isso tornou-se um recurso vão, pois nenhuma delas nos informou sobre as técnicas elementares da pesquisa. Fomos obrigadas a aprender a fazer pesquisa sem uma visão sobre o papel que iríamos desempenhar no decorrer do trabalho. Teríamos que aprender a fazer fazendo, visto o nosso evidente despreparo.

E, com a certeza de que faríamos o trabalho, seguimos em frente e com o passar dos dias tentamos aprender a árdua tarefa de coletar dados. Durante pouco mais de um mês estivemos em contato quase diário com o material, o que nos permitiu aprender a manuseá-lo e ter a sensibilidade de detectar o que seria interessante para o projeto.

O relacionamento entre a coordenadora e nós estagiárias foi muito importante, especialmente considerando o papel que um orientador pode desempenhar na formação de quem deseja aprender a fazer pesquisa. E isto foi muito gratificante, pois sentíamos que não estávamos sós.

O "fazer fazendo" se deu de forma conjunta, entre nós estagiárias, pois se os problemas enfrentados eram comuns, pensávamos em solucioná-los também conjuntamente. Foi, portanto, fundamental no "engatinhar" sobre o material o entrosamento entre as estagiárias: a ajuda mútua que fez com que nossas dúvidas parecessem menores. Percebemos o quanto poderíamos aprender umas com as outras ao tirar as dúvidas. A opinião de cada uma elevou o nível do trabalho, pois as dificuldades eram atenuadas em grupo. Este relacionamento foi importante para que melhorássemos nosso desempenho na Biblioteca Pública.

O exercício se tornou mais fácil, mas não menos deslumbrante visto que abrimos as páginas dos jornais e pudemos passear com mais tranquilidade em um mundo diverso ao nosso, e que nos envolve de maneira tal, que parece estarmos entrando no túnel do tempo. Recuamos algumas décadas, nos deparando com uma sociedade de valores e símbolos diferentes dos nossos; os jornais enfatizam certas notícias que hoje nos parecem um tanto "exóticas" e por isso mesmo atraentes do ponto de vista do pesquisador(a). Comparávamos os discursos da época com os atuais e por isso desenvolvemos nosso senso crítico e a nossa capacidade de leitura, sem nos darmos conta disso de forma imediata. Este "mergulho" nas mais variadas notícias nos ajudou a formar um quadro mais detalhado de como a sociedade se pensava e se representava, ajudando a entender melhor o con-

texto sobre o qual as greves operárias ocorreram.

Todas estas descobertas se deram no fazer pesquisa; no dia a dia com as fontes, em um trabalho inicialmente angustiante, visto a quantidade de dúvidas que possuíamos. Mas o trabalho de pesquisa "no escuro" foi fator marcante para o nosso desenvolvimento como profissionais, apesar de que acreditamos ser fundamental a existências de disciplinas que preparem o estudante para a atividade de pesquisa. O "fazer fazendo" nos mostrou a importância de podermos desenvolver um trabalho que nos deixe livre para o nosso próprio crescimento intelectual. Desta feita, realizamos as tarefas sabendo que estas foram apenas o início do nosso exercício como pesquisadoras.

3 DEIXAR COMO ESTÁ OU ENCONTRAR SOLUÇÕES ?

No relato das páginas anteriores ficou claro que as principais dificuldades encontradas por nós, na realização do nosso trabalho, foram originadas pela má formação que recebemos enquanto estudantes da área de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. No que diz respeito ao papel da Universidade como originadora e irradiadora de conhecimentos científicos esta instituição deixa muito a desejar. O processo de formação acadêmica do estudante universitário padece com essas deficiências, saindo o mesmo da instituição sem saber como agir no papel de pesquisador. A pesquisa na formação acadêmica não se efetua sobretudo porque, nos próprios currículos dos cursos, sente-se a ausência de disciplinas que forneçam a base necessária para o aluno desenvolver tal ordem de trabalho. Enfim, não há uma

utilização da pesquisa como prática cotidiana do curso.

O que fica após a conclusão de uma graduação falha é um despreparo latente para o exercício profissional de pesquisador. Esse nosso despreparo tornou-se óbvio, para nós, ao nos depararmos com um trabalho de pesquisa, quando então as dúvidas sobre como agir em tal situação afloraram.

Como aprendizes despreparadas para o "fazer pesquisa", entramos no mundo de percepção das fontes com o compromisso de cumprir uma tarefa, mas sem saber como iríamos iniciá-la. Iniciamos a pesquisa nos jornais com a perspectiva de que encontraríamos as informações de imediato. Por isso imaginamos que não seria difícil realizá-la. Entretanto, como já comentamos as coisas não ocorreram tão facilmente. Somente através do contato diário com as fontes foi possível para nós superarmos nossas deficiências e nos sentimos mais seguras diante do material, aprendendo a manuseá-lo de forma a retirar dele toda a gama de notícias possíveis.

Embora com todas as dificuldades encontradas, conseguimos realizar as tarefas que nos foram propostas, sendo que o exercício, de difícil, passou a ser interessante. Ele se mostrou como um caminho para preenchermos um espaço que até então estava vazio, ou povoado de dúvidas. As "aulas" de manuseio de fonte histórica nos mostraram a importância de um trabalho dessa ordem para o nosso próprio crescimento intelectual. Isso em termos da aprendizagem da atividade de pesquisa e de percepção da significação das fontes históricas.

Tomamos consciência do papel fundamental das fontes primárias na reconstituição de uma realidade passada, a qual nos envolve de uma maneira tal, que às vezes temos a impressão que somos partes inte-

grantes da mesma. Trabalhar com esse material significou para nós o desenvolvimento do espírito crítico, o ganho de perspicácia para perceber a significação de determinadas notícias para o contexto do nosso trabalho, o olhar através dessas informações do passado e entender melhor situações do presente.

Concordamos com LINHARES (1982, p. 11) quando esta afirma que "é no convívio cotidiano das fontes e através de um longo exercício de reflexão teórica que se forja o historiador". Acrescentamos à frase de Linhares que é no dia a dia, no fazer a sua pesquisa, que não apenas o historiador, mas todo cientista social, vai se descobrir realmente como um cientista.

Um outro ponto que temos que ressaltar diz respeito ao papel desempenhado pelo estagiário na realização de uma pesquisa. O trabalho de coleta de dados - que é algo lento e cuidadoso, básico para o andamento da pesquisa - é muitas vezes realizado somente pelo estagiário. Entretanto, embora realizando parte fundamental do projeto, nós, pesquisadores iniciantes, somos vistos na maioria das vezes como meros coletores de dados e afastados do processo de análise e interpretação dos mesmos. Os próprios orientadores contribuem para isso quando não divulgam a participação destes pesquisadores, quando não levam o "aprendiz" de pesquisa a apresentar relatórios ou a elaborar artigos. Enfim, quando não nos encaram como sujeitos pensantes e parcela importante para o andamento do projeto.

Nossa participação num projeto de pesquisa onde havia uma preocupação com a orientação dos pesquisadores iniciantes e seu crescimento nos mostrou que podemos ser mais que meras coletoras de dados. Percebemos que nossas reflexões e observações são importantes em todas as etapas do trabalho, e que

as dificuldades existentes estão no nosso caminho para serem superadas. Finalmente, registramos este artigo como resultado de um esforço de reflexão sobre uma experiência, que acreditamos tem muito em comum com a de muitos dos nossos colegas. Ele é um pouco uma chamada de atenção para as graves deficiências no ensino que precisam ser corrigidas. Mas é também uma indicação que o círculo vicioso pode ser rompido, que existem alguns caminhos que podem ser trilhados e oferecem bons frutos.

4 PENSANDO EM MUDANÇAS

Com o objetivo de contribuir para que a pesquisa faça parte da realidade acadêmica dos estudantes universitários elaboramos algumas propostas que esperamos ajudar na discussão e reflexão do tema:

- . reavaliar o distanciamento da Universidade Federal do Pará do seu papel de formadora de profissionais capacitados para realizar pesquisa;
- . introduzir nos currículos dos cursos disciplinas voltadas para uma real formação de pesquisador;
- . que faça parte das aulas teóricas o aprendizado de elaboração de relatórios e artigos, se estimulando a participação dos alunos em seminários e visitas constantes aos Arquivos Públicos;
- . manutenção de convênios regulares entre a Universidade Federal do Pará e entidades que este-

jam interessadas na contratação de pesquisadores;

- . exigir que, para a conclusão do curso, durante o estágio supervisionado o estudante possa adquirir experiência para entrar no mercado de trabalho;
- . divulgação dos trabalhos realizados pelo iniciante na pesquisa, como estímulo a novos trabalhos e contribuindo, ainda, para que o pesquisador não se sinta como mero coletor de dados;
- . promover cursos regulares, ainda no 2º grau, sobre a importância das fontes primárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LINHARES, M. Yedda L. "Apresentação". In: PINSKY, J. Modos de Produção Feudal. 2.ed. São Paulo, Global, 1982. p. 11-14.
- SEGER, Anthony. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: Os ÍNDIOS e nós; estudo sobre as sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro, 1980, p. 25-40.